

Artefactos e contextos

“Things create the context for discourse, but are themselves “read” and interpreted in a setting, and may change their meaning according to context”

Thomas, 1991, p. 81

I. Condicionaismos da amostra

A análise do povoamento pré-histórico de uma área integrada no que é hoje a “Grande Lisboa” terá de ser sempre uma visão muito parcelar da realidade, resultado de uma intensa ocupação histórica que decerto obliterou muitos dos vestígios arqueológicos, nomeadamente os pequenos sítios de habitat face aos grandes povoados e o megalitismo da região, sejam as antas, as grutas artificiais, os *tholoi* ou até mesmo as cavidades naturais.

A actual utilização rural da área (especialmente na parte do actual concelho de Mafra) poderia fazer crer numa preservação privilegiada, sobretudo quando enquadrada na Península de Lisboa. No entanto, a forte sedimentação destes solos, a cobertura vegetal que eles comportam (se não hortícola densamente arbustiva ou arbórea, como sucede no Cabeço de Alcainça ou na Serra do Funchal) e o próprio regime de pequena propriedade faz com que a área da Ribeira de Cheleiros tenha uma visibilidade do solo muito reduzida, em perfeito contraste com o que sucede em outras partes do Sul do país. As características geomorfológicas e de utilização do solo na área entre a Ribeira de Cheleiros e o Rio Safarujó - praticamente toda a faixa litoral do concelho de Mafra - levaram mesmo à concepção de uma explicação ambiental para a rarefacção de vestígios arqueológicos (Santos, 1994), não somente pré-históricos mas também de outros períodos cronológicos. A observação da área onde há 50 anos se implantava a ermida de S. João das Covas indicou-me o grau de invisibilidade que estes solos podem conter. Na actualidade não existe nenhum indício da presença desse edifício, somente se conservando na memória das populações locais.

Perante estas condições de (in)visibilidade do solo, torna-se difícil o trabalho de prospecção que terá sempre de ser dimensionado a médio prazo, numa actividade de continuo acompanhamento. Seria fundamental acompanhar os trabalhos de remoção de terra, que aqui são constantes, para poder compreender se a invisibilidade arqueológica resulta da ausência efectiva de povoamento pré-histórico (sobretudo em Mafra) ou apenas é aparência de condições desfavoráveis de leitura do solo. Na verdade “hay tantas tecnicas de prospeccions como regiones” (Ruiz Zapatero e Burillo Mozota, 1988, p. 47). Realizaram-se apenas trabalhos de prospecção em áreas seleccionadas: a continuidade deste trabalho preliminar será retomada com a elaboração da Carta Arqueológica de Mafra que iniciei em 1997 no âmbito da minha actividade como arqueóloga da Câmara Municipal de Mafra.

A percepção da parcialidade do povoamento neolítico e calcolítico que hoje podemos ler é ainda potenciada pela certeza que os conjuntos de artefactos que irei estudar são maioritariamente incompletos.

Alguns dos sítios arqueológicos em estudo são resultado de contingentes recolhas de superfície. Os materiais arqueológicos destes sítios encontram-se em depósito no Museu Arqueológico de S. Miguel de Odrinhas (Negrais, Barreira, Funchal, Alto do Montijo, Anços), no Museu Municipal de Mafra (Casas Velhas) ou em colecções particulares (Anços, Barreira) e no Museu dos Serviços Geológicos (Alto do Montijo).

Outros sítios arqueológicos são resultado de trabalhos arqueológicos antigos sem registo adequado. Tal é o caso de Negrais, escavado por Prescott Vicente e Cunha Serrão,

e de que não se conhece proveniência exacta dentro do conjunto de sítios do complexo de Negrais. Para tentar colmatar essa lacuna utilizei paralelamente um conjunto de materiais recolhidos em prospecção desde os anos 70 com indicação de proveniência da área do lapiás e que poderão aferir possíveis diferenciações de núcleos de ocupação. Ambas colecções encontram-se no Museu Arqueológico de S. Miguel de Odrinhas (Sintra).

Para o Penedo do Lexim, objecto de escavações há mais de 20 anos conhecemos alguns elementos sobre a fauna e sequência estratigráfica mas quase nada sobre o espólio artefactual. Estudei apenas os materiais em depósito no Museu Municipal de Mafra e outros materiais em posse de particulares, embora o universo estudado corresponda a um grande número de artefactos (cerca de 1000 referências) tal não corresponde sequer aos materiais publicados (nomeadamente em Arnaud, Oliveira e Jorge, 1972), estando totalmente ausentes artefactos tão significativos como os ídolos de cornos (Arnaud, 1975, p. 399). As enormes lacunas do conjunto em análise não permitem quaisquer deduções quantitativas mas têm um valor de mera amostragem.

Há ainda outros sítios que não se encontram realmente na área da bacia hidrográfica da Ribeira de Cheleiros mas que pela sua proximidade não podem deixar de ser considerados, como o povoado de Vale de Lobos ou o monumento megalítico da Samarra.

A panorâmica geral dos muitos limites da informação disponível não me parece porém um obstáculo efectivo para a prossecução de um trabalho de leitura geral, já que estes são os problemas comuns a quase todas as áreas da Península de Lisboa, sendo premente a reavaliação dos muitos dados para os IV e III milénios a.C.

2. A análise territorial

A compreensão das modalidades de ocupação do espaço deverá ser entendida na multiplicidade dos factores que poderiam ter configurado o povoamento: geografia física, recursos disponíveis e potencial agrícola, microclima, povoamento contemporâneo (incluindo povoados e megalitismo). No decurso do presente trabalho serão recorrentemente citadas estas características. Para uma perspectiva mais clara e englobante, será incluída uma ficha tipo dos povoados com a especificação destes parâmetros de análise.

Apesar de não ter como objectivo imediato a concretização de uma carta arqueológica da área de Cheleiros para os IV e III milénios a.C., julgou-se relevante a inclusão de uma pequena ficha de cada sítio arqueológico da área em estudo, inserida em anexo, e que agrupou informações genéricas. Esta informação sistematizada de todos os sítios arqueológicos da área em estudo não é um objectivo por si mesmo, mas funciona como base de leituras e interpretações a realizar ao longo deste trabalho. Se com esta listagem se pretende uniformizar elementos de descrição de uma realidade intrinsecamente heterogénea, será empreendida uma abordagem mais detalhada para dois dos sítios arqueológicos em estudo: Lexim e Negrais são sítios arqueológicos que, nesta área, oferecem maior número de informação. Por um lado, ambos os sítios arqueológicos foram objecto de trabalhos arqueológicos (sem que se tenha concretizado, é certo, uma abordagem mais específica da ocupação destes sítios). Por outro, é indubitável que Negrais e Penedo do Lexim representam de facto lugares de povoamento importantes com prováveis diferentes cronologias e morfologias de ocupação.

Os parâmetros de descrição espacial incluem a **designação** do sítio arqueológico, bem como a sua **localização** em termos de Freguesia, Concelho e coordenadas geográficas, de acordo com a base cartográfica utilizada: CMP 1:25 000, CM 1:50 000.

A **implantação** é sem dúvida um dos parâmetros descritivos fundamentais para a abordagem das dinâmicas de povoamento desta área. Procurou-se efectuar uma descrição detalhada. Os sítios são classificados pela sua elevação (altimetria) e posição geográfica relativa (topo, vale, esporão, festo, interflúvio, vertente...). Estes indicadores são também utilizados para definições de proximidade/distância (por exemplo em relação a recursos fundamentais) ou de defensabilidade, bem como para a apreensão dos recursos regionais e específicos de cada povoado. A caracterização do relevo e hidrografia do sítio e espaço envolvente será efectuada através da base cartográfica citada e da observação no terreno.

A **visibilidade** de um ponto concreto poderá ser caracterizável de acordo com diferentes níveis de leitura *de* e *para* o sítio. A aplicação de escalas de observação poderá aferir as modalidades de visibilidade. A possível visibilidade de pessoas ou animais, estruturas edificadas ou apenas de contornos do relevo possibilita diversos níveis de domínio da paisagem

“Em termos de campos de observação humana foram efectuados estudos de percepção visual aplicados ao combate da Infantaria sem auxiliares de visão 1) curta distância: até 500m são reconhecíveis homens e animais; 2) média distância: entre 500m e 1000m apenas são perceptíveis estruturas; 3) longa distância: a partir dessa distância (1000m) são vistos com nitidez os contornos do relevo e grandes estruturas, bem como áreas cultivadas/florestadas.” (Gonçalves, V. e Sousa, 1997a).

As escalas de observação revelam-se um útil instrumento na análise de povoados podendo fornecer indicadores de leitura, a áreas de controlo directo e de possível defensabilidade a partir do povoado, área de captação de recursos; relação inter-povoados ou para povoados-monumentos megalíticos.

As possíveis considerações sobre a **morfologia da área ocupada** são fortemente limitadas pois são baseadas em meras observações empíricas dos dados de superfície e dos reduzidos elementos publicados para os sítios que foram objecto de uma escavação arqueológica. Esta dificuldade é particularmente perturbante para as linhas defensivas e áreas habitacionais do Penedo do Lexim.

A leitura dos **recursos** potencialmente disponíveis à exploração de um povoado estável, habitado por comunidades agro-pastoris, é sempre uma tarefa difícil, sendo necessário moderar as interpretações economicistas por outras imagens que a etnografia e o bom senso nos vão fornecendo. Não possuímos ainda dados faunísticos e/ou polínicos suficientes que possam evidenciar directamente o subsistema económico que eventualmente estaria relacionado a estes sítios. Também para a globalidade da região se verifica esta lacuna de informação pelo que todas observações realizadas serão limitadas.

São referidos os cursos de água que estão próximos dos sítios arqueológicos (identificando a margem e a distância aproximada) e a distância dos sítios próximos do oceano atlântico. A relação com o litoral costeiro e fluvial só pode ser efectuada em termos das suas posições actuais embora seja evidente que seriam sensivelmente diferentes nos IV e III milénios a.C.

Não estão disponíveis cartas pedológicas para a área com uma escala suficientemente precisa (1: 50 000). Ainda que estivesse disponível a *Carta de Uso dos Solos* ou a *Carta de Capacidade de Uso dos Solos*, esta informação seria limitada já que esta área foi objecto de profunda acção humana. A utilização deste tipo de cartografia deverá ser considerada com

precaução, sobretudo para a *Carta de Capacidade de Uso dos Solos* que é preferida para estudos de áreas de captação de recursos embora esta seja elaborada para padrões agrícolas modernos (Daveau, 1995, p. 168-169).

3. Critérios adoptados no estudo artefactual

A análise artefactual em Arqueologia tem sido um dos principais indicadores das diversas posições teóricas na compreensão das sociedades do passado. Apesar disso, são bastante escassas as publicações que, ao adoptar um qualquer critério interpretativo do registo arqueológico, justifiquem os seus pressupostos ou simplesmente os enunciem.

A inexistência de contextos seguros para a totalidade dos artefactos em estudo impossibilita uma utilização aprofundada desta informação. As relações de quantificação serão por isso reduzidas e sempre limitadas apenas para as presenças/ausências em termos absolutos.

A larga cronologia de ocupação de muitos dos sítios arqueológicos da Ribeira de Cheleiros impede a seriação cronológica fina dos conjuntos materiais e desse modo dificulta a reconstituição das prováveis sequências de ocupação específicas dos sítios arqueológicos e da malha de povoamento da área.

A ausência de indicadores seguros de cronologia para alguns dos artefactos é assim obstáculo quase inatingível para um estudo que pretende compreender as modalidades de povoamento de uma área delimitada mas também conhecer as eventuais dinâmicas ao longo dos IV e III milénios. A continuidade morfológica dos artefactos de pedra lascada, pedra polida, pedra afeçoada e objectos de osso durante uma larga diacronia impede associações cronológicas mesmo perante a evidência de vários momentos de ocupação. O caso de Negrais (e Olelas) é paradigmático: com possíveis ocupações anteriores ao IV e III milénios a.C, não podemos porém distinguir a generalidade dos artefactos de pedra lascada de um Neolítico mais antigo, do Neolítico final e do Calcolítico final.

A comparação com outros sítios escavados e publicados extensamente com datações radiocarbónicas que se encontrassem na mesma diacronia e na mesma área poderia tornar mais clara a reconstituição das sequências de ocupação. Infelizmente os sítios arqueológicos que mais perto se encontram do Ribeira de Cheleiros não se apresentam convenientemente publicados, como sucede na Penha Verde. Linceia é assim o único sítio arqueológico da Península de Lisboa com uma conhecida sequência de ocupação desde o Neolítico final e com extensa lista de datações, embora também aqui não tenham sido ainda publicados os conjuntos artefactuais associados (apenas disponíveis para as primeiras campanhas de escavação). Estas indefinições das sequências de ocupação da generalidade dos povoados é particularmente agravada para o Neolítico final da Península de Lisboa, levando a divergências absolutas na atribuição de cronologias a alguns dos materiais arqueológicos.

Sendo reduzidos os objectos de osso e de metal, é a cerâmica que pode oferecer mais elementos para a reconstituição das sequências de ocupação. Nesse sentido foi privilegiado o desenho e estudo dos artefactos cerâmicos.

A parcialidade dos conjuntos artefactuais impede igualmente que se efectuem estudos para além de uma abordagem puramente tipológica. As análises funcionais e tecnológicas para conjuntos descontextualizados, de superfície ou de escavações antigas, só poderão ser feitas pontualmente.

Como já foi referido, privilegiou-se a análise de dois dos povoados pré-históricos da área em estudo. No Penedo do Lexim e nos sítios de Negrais trataram-se exaustivamente todos os artefactos disponibilizados para estudo (descrições e desenhos). Para os demais sítios arqueológicos da área do Ribeira de Cheleiros optou-se por efectuar apenas uma listagem pormenorizada das colecções de materiais em estudo (que são relativamente pequenas) e incluir, não sistematicamente, o desenho de alguns materiais arqueológicos. Todos os sítios arqueológicos inseridos na área em estudo são objecto de uma listagem simplificada dos conjuntos materiais (em anexo). A completa ficha descritiva de cada tipo de artefactos analisados para Penedo do Lexim e Negrais foi apresentada em anexo na tese policopiada, conjuntamente com as listagens correspondentes e que se encontra em consulta na Biblioteca Nacional, Biblioteca da Faculdade de Letras de Lisboa, Reitoria da Universidade de Lisboa, Centro de Arqueologia, Biblioteca de Mafra, Biblioteca do Museu Arqueológico de S. Miguel de Odrinhas.

Os recipientes cerâmicos

Os artefactos cerâmicos têm adquirido uma importância fulcral como indicador cultural e cronológico. Este valor aliado às características físicas da cerâmica (que em geral é um dos artefactos com maior nível de durabilidade no registo arqueológico) e ao seu carácter não reciclável após fragmentação, torna a cerâmica item artefactual preferencialmente estudado. Se para outros artefactos (nomeadamente líticos) não é possível associar cronologias ou realidades culturais específicas, o caso da cerâmica é bem diferente, sobretudo quando lidamos com conjuntos de materiais recolhidos à superfície ou descontextualizados.

Nos conjuntos estudados, os artefactos cerâmicos são preponderantes, tendo sido contabilizados os fragmentos cerâmicos com bordo, carena, aplicações plásticas, perfuração ou aqueles que são decorados.

São claras as limitações ao estudo das cerâmicas como indicador cronológico e cultural, já que em grande parte dos sítios em estudo se verifica a sobreposição de vários momentos de ocupação. Se algumas formas e decorações podem ter algum significado cronológico e cultural, a maioria dos fragmentos cerâmicos lisos (hemisferas, esféricos...) não podem ser claramente associados a nenhum momento específico dentro do IV e III milénios a.C.

No que diz respeito às **formas** dos recipientes cerâmicos, é muito difícil estabelecer relações quantitativas, já que lidamos com um conjunto que é intrinsecamente fragmentário e que é uma parte muito reduzida do conjunto em análise, tanto no que respeita aos sítios apenas conhecidos por prospecção como para os sítios escavados. Estas circunstâncias vêm aumentar a parcialidade e os equívocos de uma abordagem quantitativa pelo que se tratará preferencialmente das presenças verificadas. A leitura quantitativa dos fragmentos de recipientes cerâmicos deve ser antecedida pelas devidas precauções de uma análise proveniente de dados de prospecção e das diferentes dinâmicas de conservação dos grandes contentores (claramente dominantes neste conjunto) face à grande fragmentação de pequenos recipientes.

Para o Neolítico final e Calcolítico da Península de Lisboa (ou da Estremadura, numa designação mais corrente) são extremamente reduzidas as tentativas de sistematização das formas cerâmicas (e motivos decorativos). Apenas foram tratadas sistematicamente as cerâmicas (das primeiras campanhas) do povoado fortificado de Liceia (Cardoso, Soares e Silva, 1983-84; Cardoso, 1988; Cardoso, Soares e Silva, 1994) e em comparação com o

Monte da Tumba, adaptando a tipologia realizada para os povoados do Neolítico Final/Calcolítico do Alentejo e Algarve (Silva e Soares, 1976). Apesar de algumas incoerências nos critérios de classificação (usando a variável *forma* para identificar um tipo, mas também outras características como a dimensão e o tipo de bordo), esta comparação realçou a individualidade das formas cerâmicas do Neolítico final/Calcolítico da Península de Lisboa em relação ao que se conhece já para o Sudoeste da Península Ibérica.

A publicação do Zambujal encerra duas grandes barreiras à compreensão: além dos obstáculos linguísticos suscitados pela leitura das principais monografias publicadas (Sangmeister e Schubart, 1981; Kunst, 1987), as recentes tentativas de correlação estatística entre as centenas de milhar de fragmentos cerâmicos e as fase de construção / ocupação (Kunst, 1994) demonstram bem a dificuldade de gerir tão grande massa documental, sobretudo por ela ser proveniente de conjuntos deficientemente registados.

Considerando o enorme número de povoados e necrópoles escavados ou identificados na área da Península de Lisboa e nesta diacronia, resulta incompreensível a inexistência de um tratamento sistemático para povoados tão paradigmáticos como Vila Nova de S. Pedro ou Olelas.

Este panorama de investigação contrasta com o que tem vindo a ser efectuado para as áreas meridionais. Há quase duas dezenas de anos que foi publicada a primeira sistematização das formas cerâmicas do Sul de Portugal (Silva e Soares, 1976/77) que até hoje funcionou como paradigma de estudo. Desde então outras propostas têm vindo a ser elaboradas, com diferentes critérios classificativos a partir de distinções funcionais e morfológicas (Gonçalves, V., 1989; Calado, 1995), mas que resultam na manutenção de denominações já implantadas no vocabulário arqueológico.

Uma abordagem com as características deste trabalho não pretende (nem tem bases) para propor uma tipologia das formas cerâmicas extensiva à Península de Lisboa. A redução e parcialidade dos conjuntos em estudo leva-me a optar por um simples enunciar das formas identificadas nos sítios arqueológicos da Ribeira de Cheleiros através de um esquema classificativo com critérios explícitos.

São diversos os tipos de atributos considerados na construção de quadros de ordenação. Em primeiro lugar, devemos considerar as nomenclaturas já existentes, vulgarizadas no discurso arqueológico tanto pela sua associação a um autor que as definiu, como sobretudo pelo valor indicador de uma determinada realidade “cultural”.

A classificação dos recipientes em tipos e subtipos é sempre difícil, sobretudo porque se trata de uma realidade pré-histórica, onde as formulações rígidas baseadas em estritos atributos quantitativos, impedem uma análise interpretativa funcional. Se o primeiro critério ordenador é a forma, as características divergentes de bordo, fundo, perfil, aplicações plásticas, perfurações foram compreendidas dentro dos tipos identificados, constituindo-se como subtipos de formas genéricas. A dimensão dos recipientes (pequenos, médios e grandes) não é só por si um critério válido para criar tipos, mas pode ser útil para caracterizá-los.

A criação de uma proposta de tipologia ou a compilação de um catálogo de formas deverá ter como base um contexto estratigrafado, pelo que neste trabalho não se tecem considerações muito aprofundadas sobre as formas cerâmicas nem se parte para um proposta de análise. Tendo em consideração algumas das propostas utilizadas para o Centro e Sul de Portugal – análises que partem da quantificação dos índices de recipientes idealmente inteiros (Silva e Soares, 1976/77; Gonçalves, V., 1989) ou classificações que consideram apenas a inclinação do fragmento de bordo (Sangmeister e Schubart, 1981; Kunst, 1987) – será adoptada a primeira das análises a título não sistemático.

Muito embora a **decoração** não seja preponderante (em termos quantitativos) no con-

junto de recipientes cerâmicos, este indicador é ainda fundamental para a caracterização destas realidades, na falta de outros indicadores complementares. Os modelos histórico-culturais que foram aplicados ao Calcolítico na Estremadura (ab)usaram das associações entre um faseamento deste período e um determinado tipo de cerâmica decorada: copos canelados, folha de acácia e campaniforme assumiram-se como valores absolutos para datações relativas e interpretações culturais. A recorrente utilização destes artefactos não significa que estes tenham sido exaustivamente estudados e publicados, associando-os à globalidade dos outros tipos de decoração e à generalidade dos recipientes cerâmicos, numa leitura globalizante do IV e III milénios a.C. na Península de Lisboa.

Nesta perspectiva, entendeu-se útil desenhar e descrever a totalidade dos fragmentos cerâmicos decorados de Negrais e Lexim e parte representativa da cerâmica decorada dos outros sítios arqueológicos. O conjunto cerâmico das antigas escavações de Cunha Serrão e Prescott Vicente em Olelas, foi também utilizado como indicador comparativo. A cerâmica campaniforme incisa, embora seja considerada para a percepção das longas diacronias de ocupação dos sítios, é tardia em relação ao momento que pretendo analisar e por isso apenas abordada circunstancialmente.

A análise da cerâmica decorada é sempre um exercício de repetição das particularidades a que somos sensíveis e simultaneamente corresponde a uma busca de um significado específico para essas características, recuperando a informação possível.

As **aplicações plásticas** de natureza decorativa e/ou funcional reportam-se a mamilos e cordões plásticos. Será referida a presença de **perfurações** e suas possíveis funcionalidades (decoração, gatos, suspensão) e as formas associadas.

O estudo das características tecnológicas da cerâmica (**cozedura, tratamento de superfície, componentes não plásticos**) é apenas considerado circunstancialmente, já que tratamos de conjuntos descontextualizados e com vários momentos de ocupação em que formas simples (normalmente baseadas na esfera), não podem ser claramente associadas a nenhuma cronologia específica (em mais de um milénio). Estas observações serão apenas utilizadas para alguns itens cerâmicos (decorada, formas carenadas) nos povoados do Penedo do Lexim e Negrais, de acordo com o tratamento preferencial conferido a estes sítios. Apenas são descritas a homogeneidade das pastas, a dimensão e frequência de componentes não plásticos (apenas como forma de caracterizar tecnologicamente estas cerâmicas), a sua cor e tipo de cozedura, bem como o tratamento da superfície interna e externa. Estas descrições encontram-se na tese policopiada.

Outros artefactos cerâmicos

Para o universo em estudo, é muito reduzido o número de pesos de tear por sítio arqueológico. Com excepção do Penedo do Lexim, foram identificados poucos fragmentos de queijeiras ou cinchos. Estes artefactos são caracterizados de acordo com a (1) forma, quando identificável (manga cilíndrica, hemisfera, esférico); (2) dimensão média das perfurações; (3) superfície interna e externa.

Pedra lascada

A pedra lascada apresenta geralmente uma grande continuidade temporal de utilização não sendo explícita a sua conotação com realidades cronológicas, mas antes evidenciando actividades produtoras e exploração de matérias-primas. Para sítios arqueológicos

lógicos onde decerto existiu uma grande perduração da ocupação, como em Negrais ou em Olelas, torna-se difícil distinguir os artefactos que podem corresponder ao Neolítico final-Calcolítico, dada a continuidade de utilização de artefactos com as mesmas características até aos inícios do Bronze Antigo e a existência de elementos semelhantes desde um Neolítico mais antigo.

Ainda assim, julgo pertinente a caracterização genérica da indústria lítica quanto ao seu estado de conservação, dimensões, retoque e matéria-prima, de acordo com as especificidades descritivas de cada tipo de artefactos. Uma abordagem mais sistemática, que envolva a mensuração dos conjuntos em estudo não tem uma grande operacionalidade, não só pela ausência de contextualização dos materiais mas também pela já referida longevidade dos sítios (e dos artefactos). Estas lacunas poderiam ser ultrapassadas se estivesse publicada a indústria de pedra lascada dos muitos sítios escavados, com uma caracterização específica, contextualizada e datada de conjuntos significativos. Como tal não sucede, optou-se por efectuar apenas uma abordagem muito genérica, à excepção de Negrais e Penedo do Lexim, para as quais efectuei descrições das lâminas, lamelas, pontas de seta, que se encontram em anexo na tese policopiada e que aqui servem como base a leituras estatísticas.

Pedra polida

À excepção dos artefactos de pedra polida do Penedo do Lexim e Negrais, os conjuntos de pedra polida são muito fragmentários, impedindo aprofundadas considerações acerca da sua morfologia. Os artefactos de pedra polida para os dois sítios citados foram descritos de acordo com a proposta de V.S. Gonçalves (1989, p. 122). Para os demais, são apenas referidas as presenças principais em termos de matéria-prima e características tipológicas.

Pedra afeiçãoada

Apesar da habitual fácil visibilidade dos **percutores** artefactos em recolhas de superfície e a sua polivalência, neste caso é muito reduzido o número de percutores recolhidos. Este item artefactual tem, aliás, uma longa pervivência cronológica acompanhando outros artefactos com clara conotação cronológica (e cultural) durante largos milénios.

Para a descrição dos **elementos de mó** identificados foram utilizados os parâmetros descritivos definidos por V. S. Gonçalves (1992, p. 129) e que estão traduzidos em quadro nos anexos. A dimensão dos conjuntos em análise não diminui a importância deste artefacto como indicador do subsistema económico.

Metalurgia

O actual estado dos conhecimentos relativo à metalurgia do cobre da Península de Lisboa não permite uma eficaz perspetivação da natureza desta matéria-prima. Contrariamente ao que se começa agora a conhecer-se para o Alentejo (Soares, Araújo e Cabral, 1994), a informação disponível ainda não permite perspectivar os dados dos diferentes sítios com prática da metalurgia do cobre.

O estudo da metalurgia do cobre deve ser entendido como um somatório das características tipológicas (e suas inferências cronológicas, culturais, funcionais), realidade

deposicional (importância dos achados em contexto), com as análises químicas e metalográficas. Apenas é possível efectuar a descrição das características tipológicas dos artefactos metálicos identificados na área da Ribeira de Cheleiros.

Objectos de osso

O tratamento destes artefactos deveria caracterizar os traços de uso e de fabrico e identificar as espécies e o tipo de ossos trabalhados. Para tal seria necessário uma abordagem traceológica, numa perspectiva de análise funcional e arqueozoológica, em conjugação com os dados faunísticos que eventualmente estejam disponíveis. No presente trabalho apenas serão referidas as presenças.

Sagrado

São muito poucos os artefactos relacionados com o sagrado identificados nos sítios arqueológicos da área da Ribeira de Cheleiros apesar do grande número de necrópoles que a rodeiam a Norte (Torres Vedras), a Sul (Sintra e Cascais) e a Este (Loures). Todos os artefactos relacionados com o sagrado identificados (ídolos betilo, placas de xisto, e outros em cerâmica; contas, pingentes) serão descritos e desenhados.

Foi com esta metodologia, estes conceitos e as referidas opções de investigação que foi organizado o corpo da tese de dissertação de mestrado em Pré-História e Arqueologia defendida em Janeiro de 1997. Este trabalho, submetido à arguência da Prof. Dra. Maria de Jesus Sanches, da Universidade do Porto, foi adoptado na sua quase totalidade, seguindo a mesma estrutura de textos e ilustrações, seguindo sugestões efectuadas pelo júri e com o acompanhamento atento (e crítico) do meu orientador, Prof. Dr. Victor S. Gonçalves, a quem agradeço todo o empenho.

A parte descritiva (Anexos) foi aqui resumida embora, obviamente seja a base para a construção do capítulo sobre a *Cultura Material*. Como foi já referido, a versão integral encontra-se disponível em várias bibliotecas públicas. Entendeu-se não incluir os seguintes itens descritivos:

2. Análise de duas colecções provenientes de Negrais e Penedo do Lexim
 - 2.1. Cerâmica
 - a) parâmetros descritivos
 - b) listagens de Negrais
 - c) listagens do Penedo do Lexim
 - d) descrições da cerâmica decorada do Penedo do Lexim
 - 2.2. Pedra lascada
 - a) parâmetros descritivos
 - b) listagens das lâminas e lamelas de Negrais
 - c) listagens das lâminas e lamelas do Penedo do Lexim
 - d) listagem das pontas de seta de Negrais
 - e) listagem das pontas de seta do Penedo do Lexim
 - 2.3. Pedra polida
 - a) parâmetros descritivos
 - b) listagem da pedra polida de Negrais
 - c) listagem da pedra polida do Penedo do Lexim